

Escola Família Agrícola Jaguaribana: fortalecendo a Agroecologia no semiárido cearense



Foto: Ricardo Wagner

Quando se fala em educação no meio rural, estamos acostumados a ouvir histórias de jovens que encerram seus sonhos logo ao concluir o ensino médio. São vários os fatores para a evasão escolar, desde o fechamento das escolas rurais até o sonho do primeiro emprego, atrelado à independência financeira e ajudar os pais. Entretanto, sabemos que a educação no campo e para o campo tem contado com um importante instrumento: a EFA ou Escola

Família Agrícola. Conhecer a missão dessa modalidade de educação é mergulhar num universo de possibilidades. Esse boletim irá contar a trajetória da EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé, localizada na comunidade Currais, em Tabuleiro do Norte, Ceará.

Segundo o presidente da Associação Família Agrícola Jaguaribana, Thiago Valentim, “a ideia de criar a EFA em Tabuleiro do Norte surgiu a partir da experiência com a EFA Dom Fragoso, em Independência, que já existe há 16 anos. “Em março de 2016, criamos um grupo formado por lideranças comunitárias, professoras/es, presidentes de associação, sindicatos,



Thiago Valentim - agente da CPT - e presidente da Associação Família Agrícola Jaguaribana.

representantes da paróquia local e trabalhadores rurais, que chamamos de “núcleo de origem” e iniciamos o processo. A nossa proposta pedagógica é bem parecida com as outras EFA's, que são escolas comunitárias, de nível médio, ao mesmo tempo integradas ao técnico em agropecuária. No nosso caso, uma escola fundamentada na Agroecologia. A metodologia é baseada na pedagogia da alternância, onde os/as educandos/as não saem das suas realidades: passam 12 dias na escola e 18 dias em casa. Na escola, participam do processo de formação que inclui as disciplinas da Base Comum do Ensino Médio, as disciplinas do curso Técnico em Agropecuária e outras atividades como oficinas, debates, mini-cursos e rodas de conversa. E Os/as educandos/as levam atividades para fazer em casa, junto às suas famílias e à comunidade.

A primeira turma é formada por 12 jovens da zona rural e urbana. Tem jovens dos municípios de Potiretama, Iracema, Russas e Tabuleiro do Norte. O importante é que demonstrem interesse pela realidade camponesa e que se adaptem à metodologia da escola e à convivência com outros/as jovens. Os pais ou responsáveis precisam estar comprometidos, como diz o nome da escola. “Temos como desafio para o próximo ano, uma nova turma, pela visibilidade que a escola vem alcançando através da divulgação que os educandos/as atuais vêm fazendo”, disse Thiago. Manter uma escola não é fácil. E a EFA Jaguaribana sobrevive de doações de dinheiro, alimentos, materiais escolares e didáticos. A comunidade dos Currais tem participado dos mutirões, assim como o município de Limoeiro e organizações da sociedade civil. E não podemos deixar de citar as/os professoras/es e colaboradoras/es que de forma voluntária doam seus tempos, conhecimentos e muito amor.

“Sim! Nós mulheres podemos decidir o que queremos ser”,

Sahmara – 25 anos, educanda da EFA Jaguaribana

Com voz e semblante tranquilo, Sahmara é uma das educandas da primeira turma da EFA. Nascida em Tabuleiro do Norte, filha de agricultores e com um irmão adolescente, a jovem nos conta que soube da escola através de amigos. “Nossa... Foi uma visão totalmente diferente das escolas convencionais. Aí eu me interessei e fui buscar informações no site da EFA”. Ela falou que nunca tinha participado de grupo de jovens, mas já conversava com amigas sobre feminismo, direitos, juventude, relacionamentos. “Mas Agroecologia eu nunca tinha ouvido falar. Pra mim é tudo novo”. Sua trajetória parece com a de muitas jovens camponesas. “Eu venho de escola pública e tinha feito até o primeiro ano do ensino médio, em 2012. Eu parei pra começar a trabalhar e ajudar meus pais. Eu já viajei muito, morei noutras cidades... E me arrependi muito de ter parado de estudar. Agora eu voltei porque meus pais me incentivaram, principalmente quando souberam que o ensino tinha a ver com a agricultura. Minha mãe gostou porque a escola fica numa comunidade próxima de onde eu moro”, afirmou a jovem.



Arte e educação à serviço da Agroecologia



No auge das descobertas e questionamentos, Paulo Vitor, de 16 anos - se revela atento às coisas do mundo. Natural de Tabuleiro do Norte, o jovem nos falou sobre os motivos de procurar a EFA: “Eu soube com um amigo, o Alisson e me interessei porque não é uma escola convencional. A gente aprende sobre a natureza tendo o contato com ela e ainda cria uma nova família, que são os novos amigos. Eu não sou filho de agricultores, mas tenho uma identidade muito forte com a terra. Minha origem é urbana, mas eu sempre gostei de estar nos rios, de acampar nesse local que hoje é a EFA. Eu nunca tinha ouvido falar em Agroecologia”.

Fã do clássico *Laranja Mecânica*, Paulo tem uma boa relação com as artes, em especial com a música e a literatura. Aprendeu a tocar violão sozinho e diz que sua timidez atrapalha um pouco: “Aqui tô me soltando mais, porque tudo é debatido de forma respeitosa. Eu acredito que a música pode contribuir com o que a gente aprende na escola, pois falamos de agroecologia, direitos humanos, LGBTT's, movimentos sociais. Minha perspectiva é fazer uma faculdade de agronomia. Aqui na EFA a gente desperta para ser um humano melhor e atuar em áreas que a gente nem imaginava”, afirma o jovem.